



CORPO ESCRAVIZADO: DISCURSO MÉDICO SOBRE ANATOMIA, DOENÇAS E CURA NO RIO DE JANEIRO DO OITOCENTOS.

Iamara da Silva Viana ¹

A escravidão no Brasil apresentou peculiaridades que fundamentaram a própria construção e reconstrução de sua sociedade. Esta teve por base a convivência, ainda que com tensões diversas, de povos europeus, africanos e indígenas que incidiram diretamente no desenvolvimento de um olhar sobre o corpo, a alma e a doença. A morte como elemento cotidiano entre os escravizados especialmente devido as más condições de alimentação, de vestimenta, de higiene e de alimentação, incidia em questões econômicas, políticas e religiosas, demonstrando sua grande complexidade ². Existe uma conexão entre o modo de viver e o modo de morrer ³. Partindo desse pressuposto, acreditamos ser possível verificar alguns pontos fundamentais na vida e na morte dos escravizados e de seus corpos no Rio de Janeiro para os anos entre 1830 e 1850.

Nossa análise se centra no discurso de um manual escrito em primeira edição no ano de 1834 e a segunda em 1839, sendo este o nosso objeto de análise e reflexão. Intitulado *Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as enfermidades dos Negros* apresenta questões relevantes sobre o corpo escravizado e a concepção hierarquizante presente na visão médica. Seu autor, Jean-Baptiste Alban Imbert, um médico francês formado em Montpellier chegara ao Império do Brasil em 1831 tendo como principal interesse o estudo das práticas populares de cura. Seu diploma fora reconhecido e confirmado pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, em virtude da lei de 03 de outubro de 1832 dando “nova organização às actuais Academias Medico-cirurgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia” ⁴.

¹ Doutoranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ia.sviana@gmail.com

² VIANA, Iamara da Silva. *Morte Escrava e Relações de Poder em Vassouras (1840-1880): hierarquias raciais, sociais e simbolismos*. 2009. 167. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 58.

³ ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*, seguido de, Envelhecer e morrer. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 71.

⁴ Coleção das Leis do Império do Brasil. Imprensa Nacional. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio>>. Acesso em: 02 ago 2011.



O discurso a ser analisado propõe o desafio de perceber um contexto histórico e todas as diferentes possibilidades de aplicabilidade do mesmo, sendo entendido como um discurso de poder e segundo Foucault,

em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso⁵.

Jean-Baptiste Alban Imbert não é aqui entendido “como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”⁶. Sua identidade e sua formação vão balizar seu discurso e a maneira pelo qual define a sociedade brasileira de então. Observar com atenção o autor se faz importante tendo em vista que seu discurso está pautado no indivíduo que é e se transforma. Nele podemos vislumbrar ideias, conhecimentos, conceitos, valores, mas também críticas e repreensão como a descrita em relação às práticas populares de cura e ao charlatanismo. Na verdade,

tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar o seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva”⁷.

A participação de Imbert como membro da SAIN (Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional) que postulava melhorar a atividade produtiva da agricultura pode demonstrar a direção de seu discurso. Em seu manual ao mencionar minuciosamente a anatomia do corpo escravizado – da qual trataremos adiante -, especialmente dos africanos na tentativa de ensinar fazendeiros o modo correto de efetuar uma boa compra, contribui de forma contundente para esta atividade, tendo em vista que a mão de obra escravizada era a base da economia cafeeira no Vale do Paraíba Fluminense e produto de exportação do Império, sustentáculo daquela economia monocultura. Se pensarmos que no momento em que escreve, o debate sobre o fim do Tráfico Transatlântico já estava em pauta, a questão ganha acuidade tendo em vista a possibilidade do fim ou pelo menos da diminuição do acesso aquela mão de obra.

⁵ FOUCAULT, Michel. “Soberania e Disciplina: discurso do Collège de France, 14 de Janeiro de 1976”. In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 179.

⁶ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2010. p. 26.

⁷ FOUCAULT. op. cit. 2010. p. 36.



Seu discurso não era o único, concorria com as práticas mágicas e populares de cura e seus principais atores, em grande medida negros, mulatos e brancos pobres desempenhavam diferentes ofícios da arte de curar. A ação de sangradores, parteiras, feiticeiros, boticários e curadores não pode ser explicada somente pelo pequeno número de médicos formados nas academias ou pelos altos custos das consultas. A população, incluindo-se aí também alguns indivíduos das classes abastadas priorizava o atendimento destes aos outros. Em Campinas na década de 1860, Camilo Bueno um dos mais ricos fazendeiros da região, ao ficar muito doente, mandou chamar à sua casa mestre Tito, um conhecido curandeiro local, mesmo havendo na cidade dois médicos famosos, os Doutores Daunt e Langaard ⁸. Este caso demonstra uma das dificuldades de legitimação da medicina acadêmica para o período estudado devido a construção social a partir do encontro de diferentes culturas.

Disposto em manual, o discurso de Imbert apresenta características próprias dessemelhantes dos apresentados em jornais, teses, projetos ou processos judiciais. Segundo o dicionário Aurélio, a palavra manual significa “compêndio, livro pequeno que encerra os conhecimentos básicos de uma ciência, uma técnica, um ofício (...)” ⁹, tendo por finalidade tornar inteligível ao leitor algo considerado complexo, seja de cunho científico ou não. Para ser eficaz é necessário que o autor conheça seu público para escolher argumentos, estilos, a pronúncia adequada para movê-lo. “Cada auditório terá seus valores, cada época terá seus auditórios” ¹⁰. Desta forma, conhecer o público a quem se destina é fundamental para que se alcance o sucesso almejado. Na introdução de seu Manual torna acessível aos possíveis leitores seus escopos: escrevia para um público distante da Corte e da medicina acadêmica, ou seja, fazendeiros proprietários de terras e escravizados. Sua preocupação enquanto médico e também proprietário de escravos era garantir o mínimo de conhecimento que pudesse servir de guia no tratamento de algumas doenças, mormente nas quais não fosse necessária a atuação de um cirurgião:

Feliz Srs., se tal qual se acha, meu Manual poder satisfazer mais completamente á vossas vistas, servindo-vos de guia prudente no tratamento de vossas enfermidades, e da de vossos escravos, pois foi com esse espirito de prudencia e utilidade, que minha pena presídio á sua redacção ¹¹.

⁸ XAVIER, Regina. Dos males e suas curas: práticas médicas na Campinas oitocentista. In: Chalhoub, Sidney et al. (org). Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 342-343.

⁹ Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Manual.html>> Acesso em: 03 fev 2013.

¹⁰ CARVALHO, José Murilo. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. Revista Topoi. Rio de Janeiro, no. 1, jan-dez. 2000. p. 138.

¹¹ IMBERT, J.B.A. Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as enfermidades dos Negros. Typographia Nacional, 1839. p. 5.



(...) lhes he forçoso exercer a Medicina, não só em beneficio seu e de suas familias, como tambem não se podem dispensar de tratar dos negros, muito mais susceptíveis de contrahir as molestias, que affligem a especie humana ¹².

Nesse sentido, apresentaremos algumas reflexões iniciais de pesquisa sobre o pensamento médico científico dos anos iniciais do Oitocentos sobre o corpo escravizado, sua anatomia, doenças e possíveis práticas de cura. Constituindo nossa fonte principal o já mencionado Manual de Jean-Baptiste Alban Imbert e sua visão francesa reconstruída a partir da interlocução com a cultura particular do Império do Brasil para este período do tempo histórico.

O corpo escravizado

O corpo tem uma história ¹³ e são diferentes os significados que o mesmo obteve ao longo da história da humanidade. Corpo que vive, morre, se alimenta, adocece, cura, se alimenta, se veste, se manifesta, nunca não de forma aleatória, mas a partir de um determinado contexto social e temporal que lhe impõe limitações, contradições e tensões. Sendo a representação física de um ser composto por ele e pela moral ¹⁴ pode sofrer diferentes divisões. A primeira grande distinção entre o ser humano na perspectiva de Imbert é a separação entre negros e brancos. Segundo ele

a natureza traçou huma primeira grande divisão creando duas raças de homens que se distinguem pela côr. Ella parece ter marcado a cada huma as zonas que melhor convêm ás modificações da sua organização. Assim, naquellas regiões em que o Sol derrama perpetuamente ondas de huma viva luz, Ella pôs a raça negra; entretanto que devolveo á raça branca os paizes situados ao Norte e temperados. O negro, destinado a viver entre os Tropicos, e a suportar todos os dias os ardentes fogos destes climas, vê o seu corpo submettido a toda sua influencia, e he por isso mais exposto ás enfermidades que são endemicas, ou proprias destas regiões ¹⁵.

Desta forma, o escravizado é pelo fenótipo, pela sua cor, diferenciado do indivíduo livre. A essa primeira somam-se outras que compunham a sociedade do Imperio do Brasil e sua organização hierarquizada. Os “corpos na América, desde os primeiros tempos de ocupação europeia, foram diferenciados e classificados de forma mais ampla e detalhada que na Europa” ¹⁶, fato que

¹² IMBERT. p. 13-14.

¹³ LE GOFF, Jacques. *Uma história do corpo na Idade Média*. Trad. Marcos Flamínio Peres. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 10.

¹⁴ IMBERT. op. cit. p. 56.

¹⁵ Idem. p. XXIV.

¹⁶ PAIVA, Eduardo França. *Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamento de gente, trânsito de imagens*. In: PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Márcia. *História do Corpo no Brasil*. 1ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 85.



comportou por meio de diferentes registros o conhecimento da diversidade e mestiçagem que demarcavam espaços hierarquicamente construídos, característica marcante na construção das sociedades coloniais deste continente. Brancos, negros, mulatos, cabras e pardos conviviam em meio a negociações e conflitos sempre pautados pela hierarquização social. Ainda segundo nosso médico,

A organização do negro differe da do branco, não só pela côr, como tambem por huma limitação em sua organização cerebral, que lhe não permite levar ao mesmo gráo a extensão das suas facultades intellectuaes; (fallamos aqui em these geral, porque não ignoramos que esta Lei tem excepções.) Com tudo a experiencia tendo hoje posto fóra de duvida que a intelligencia he em razão composta da massa do cerebro, em relação ao corpo, e tendo a observação demonstrado que o craneo do negro, he mais apoucado que o do branco, he evidente, abstracção feita de todo o soccorro da civilização, que o primeiro poderá menos desenvolver a sua intelligencia moral, e que vivendo, por assim dizer, mais materialmente, o maior numero das suas enfermidades deve pertencer á classe das phisicas ¹⁷.

A capacidade intelectual é outro elemento de distinção e elucidada biologicamente, pois que a dimensão do cérebro é o agente definidor do desenvolvimento da inteligência moral. Sendo o cérebro do negro “menos apoucado que o do branco” este já nasce destinado a não alargar plenamente sua inteligência. Este fator incide no tipo de enfermidade que os escravizados africanos e seus descendentes poderiam desenvolver. Pensar o corpo e suas diferentes acepções físicas e morais, nos coloca diante de outro fator relevante para a análise do corpo escravizado: os temperamentos. Pelo olhar de Imbert,

deve-se entender por temperamento as diferenças, entre os homens, constantes, compatíveis com a conservação da vida e manutenção da saúde, caracterizadas por huma diversidade de proporção entre as partes constitutivas da organização, assás importantes por que influir possuem sobre as forças e facultades da economia animal ¹⁸

A relação existente entre temperamentos e doenças não pode deixar de ser apreciada ou conhecida por médicos ao avaliarem seus pacientes, pois “ha sido em todos os tempos considerado objecto da primeira importancia relativamente ao tratamento de qualquer infermidade” ¹⁹. De forma que um médico apto a tratar de seu enfermo com a inteligência que ela reclama deverá conhecer profundamente o seu temperamento, considerando negligência e leviandade a falta deste estudo. Os temperamentos podem ser reduzidos a quatro tipos principais: sanguíneo, linfático, nervoso e bilioso. Diferentes associações entre eles é presumível, exisstindo a possibilidade de um mesmo individuo ser portador de diferentes tipos de temperamento, todavia, somente um predomina. Para

¹⁷ IMBERT. op. cit. p. XVIV.

¹⁸ Ibid. Cap. III. p. 19.

¹⁹ Ibid. Cap. III. p. 20.



tratar um enfermo há que se observar aquele considerado o dominante sem deixar de notar as demais “influências orgânicas secundárias”. Um fator importante no estudo dos temperamentos humanos é o local de nascimento – uma vez mais o médico estabelece relações entre os diferentes elementos - que os influencia diretamente, do mesmo modo que atuam na constituição física e moral:

habitantes do Norte são dotados do temperamento sanguíneo exquisito, e de huma robusta constituição, ao mesmo tempo que os das regiões meridionaes vivem mais particularmente sob o imperio do temperamento lymphatico, nervoso, ou bilioso, e são, além disso, de huma constituição muito mais delicada e débill ²⁰.

Numa tentativa de mapear os indivíduos e seu temperamento, doutor Imbert busca na origem do mesmo a explicação para características físicas e morais. Cada espaço geográfico possui um clima específico e o médico não pode deixar de observar as “modificações que a natureza do clima imprime, ou he capaz de imprimir no organismo dos habitantes”, desenvolvendo cada indivíduo características segundo os seus temperamentos. Para os médicos brasileiros da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, o mesmo constitui fator relevante nos diagnósticos. Mencionam diferentes casos, como os relativos aos indivíduos queimados, ou para explicar a maior mortandade do sexo feminino associada a causa nervosa, o mais desenvolvido por mulheres. A relação entre raça, temperamento e local de nascimento viabilizam melhor conhecer o indivíduo enfermo levando a melhores resultados de tratamento e cura.

O corpo doente merece atenção tendo em vista as peculiaridades que o mesmo apresenta neste quadro específico. Jean-Baptiste Alban Imbert o define como

hum doente, he durante sua enfermidade, hum ente apartado da sociedade de que elle he membro, e esta rigorosamente deve, directa ou indirectamente, interessar-se por elle, e prestar-lhe cuidados tão assíduos, como illustrados: faltar pois a hum dever tão sagrado he, a nosso ver, hum crime de lesa humanidade, e todo o individuo, que suportasse frio, silencioso, e insensivel diante de hum ente, que padece, ainda sendo seu mais cruel inimigo, mereceria ser taxado certamente de ter abjurado o mais nobre dos sentimentos, com que a natureza nos tem dotado, o amor do próximo [...] ²¹.

Estar doente causa diferentes infortúnios ao indivíduo. Se este for negro os mesmos são ampliados pois que mais propícios a adquirir enfermidades. Enquanto propriedade de fazendas produtoras de café para o período estudado, implicaria redução da mão de obra, diminuição da produção, aumento de custos a partir de dietas diferenciadas e em alguns casos, a compra de remédios e consultas a um cirurgião.

²⁰ IMBERT. op. cit. Cap. III. p. 22.

²¹ Ibid. p. 4.



A Anatomia como elemento de distinção e possível cura

A reflexão sobre as distinções impostas ao corpo escravizado pela sociedade Imperial brasileira da primeira metade dos Oitocentos a partir da visão médica acadêmica demonstra o grau de hierarquização existente no período. Contudo, o seu conhecimento poderia garantir uma boa compra, tanto que Imbert dedica parte de seu manual à questão: título I escrito após a Introdução, denominado *Circunstancias a que deve attemder toda a pessoa que desejar fazer huma boa escolha de escravos*. Para tanto faz observar o corpo escravizado em suas minúcias:

[...] seja o pé redondo, a barriga da perna grossa, e o tornozelo fino, o que a torna firme; que a pelle seja lisa, não oleosa, de huma bella cor preta, isenta de manchas, de cicatrizes, e de odor demasiado forte; que as partes genitais sejam convenientemente desenvolvidas, isto he, que nem pequem por excesso, nem por cainheza, que o baixo ventre não seja saliente, nem o embigo mui volumoso, circunstancias em que se originão sempre as hernias; que o peito seja comprido, profundo, sonoro, as espaduas desempenadas, sem todavia estarem mui desviadas do tronco, signal de não estarem os pulmões bem collocados; que o pescoço esteja em justa proporção com a altura do individuo, e que não offereça aqui e alli, mormente sob a queixada tumores glandulosos, sinal evidente de afecção escrofulosa, que conduz cedo ou tarde a uma tísica, que os músculos dos membros, do peito e das costas, sejam bem salientes; que as carnes não sejam molles, e sim rijas, e compactas; e que o negro em fim deixe entrever no seu semblante o aspecto, ardor e vivacidade: reunidas todas estas condições, ter-se-ha hum escravo, que apresentará a seu Senhor, todas as garantias desejeveis de saude, força e intelligencia²².

Conhecer bem o corpo escravizado era fundamental no momento da aquisição, pois que auxiliaria na obtenção de trabalhadores que poderiam ou não desenvolver doenças temíveis e incuráveis. Da mesma forma, se tais moléstias surgissem o mesmo conhecimento seria imprescindível no tratamento e cura. A anatomia, as características físicas e o temperamento são informações essenciais para diagnosticar e tratar enfermidades. Provavelmente, “mais importante talvez do que a ação dos médicos junto à família burguesa foi sua presença junto ao corpo escravizado, não para discipliná-lo, mas para preservar o patrimônio da oligarquia local”²³. A questão econômica ganha relevância principalmente a partir do debate em torno do fim do Tráfico Transatlântico em 1830, sendo claramente mencionado por Imbert:

²² IMBERT. op. cit. p. 3.

²³ PATTO, Maria Helena Souza. *Teorema e Cataplasmas no Brasil monárquico: o caso da medicina social*. Novos Estudos. CEBRAP. No. 44, março 1996. p. 193.



as Leis puzerão barreiras á cobiça; mas a Legislação sempre justa e sabia, quando he o producto de hum concurso de opiniões que se elevão pela discussão, não póde dar effeito retroativo á abolição da escravatura. Ella só tem fallado ao futuro; nem podia sem injustiça endereçar-se ao passado: fôra offender direitos adquiridos, e causar perturbação e desarrajo nas fortunas.²⁴

Questão também aludida pelo Barão de Paty de Alferes no ano de 1847, fazendeiro do Vale Paraíba Fluminense, possuidor de fazendas e de um significativo número de escravizados. A citação abaixo faz referência ao fator econômico sobrepondo-se ao religioso, denunciando a alta taxa de mortalidade dos negros e as enfermidades que muitos traziam do continente africano ou desenvolviam aqui. Escrevendo para seus pares, destaca problemas reais relacionados a moléstias fatais e a perda do patrimônio senhorial:

(...) vê-se a necessidade de continuar com esse cancro roedor, cujo preço atual não está em harmonia com a renda que dele se pode tirar; ainda de mais acresce a imensa mortandade a que estão sujeitos e que devora fortunas colossais, e traz a infalível ruína de honrados e laboriosos lavradores, que tendo uma fortuna feita se vêem carregados de dívidas, e seus bens não chegando para satisfazer a quem os vendeu, muitas vezes sabendo que vão carregados de enfermidades incuráveis²⁵.

Nesse sentido, justifica-se a relevância da observação do indivíduo doente como um todo para se alcançar sucesso no tratamento. A questão econômica mais preponderante a partir de 1830 pode ser um fator a considerar tendo em vista o grande empenho presente no discurso de Imbert - médico e também proprietário de fazenda e escravos -, para tratar e curar trabalhadores escravizados. Antes de prescrever um medicamento o médico deveria informar-se primeiro

da idade, do genero de vida, e do regimen habitual do doente; 2º., procurara determinar qual he o temperamento e constituição organica, de que goza; 3º., apreciará o valor das causas provaveis, que originarão o desenvolvimento da molestia; 4º., ajuda dos signaes exteriores da organização do doente, calculará se por ventura he dominada pela potencia da força, ou se pela influencia da fraqueza; 5º., recolherá todas as informações, ou provenientes do enfermo ou dos circunstantes, e que forem proprias a facilitar o diagnostico; 6º., classificará os phenomenos morbidos os mais salientes, e os submeterá á analyse de seu juizo medico, a fim de marcar-lhes o valor relativo, e chegar por este modo ao conhecimento do orgão, ou do aparelho organico, que estiver em sofrimento; 7º. , notará cuidadosamente o gráo de intensidade, ou de fraqueza dos symptomas locaes e os de reacção, e passara em revista o estado das funcções principaes, taes como a circulação, respiração, digestão, secreções urinaria, biliosa, intestinal, bronchica; e bem assim o suor, o calor exterior, e interior do corpo, serão o objecto de suas investigações escrupulosas. Em fim, não negligenciará consultar as faculdades intellectuaes e moraes, para decidir do estado normal ou anormal do systema nervoso, ou antes da innervação²⁶.

²⁴ IMBERT. op. cit. p. XII.

²⁵ WERNECK. Francisco Peixoto de Lacerda. *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro (1847)*. In WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda. (barão de Pati do Alferes). *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro*. Eduardo Silva (org.) Rio de Janeiro - Brasília, 1985. p. 63.

²⁶ IMBERT. op. cit. p. 177-178.



A partir destas observações o prático poderia indicar o tratamento adequado que a natureza da moléstia reclamava. A boa clínica exigia dele a apreciação das circunstâncias individuais que o enfermo apresentasse para a partir delas extrair induções uteis ao tratamento. Conhecer o indivíduo enfermo em sua particularidade humana poderia evitar erros e enganos, tão comuns na medicina nos anos iniciais do século XIX e não somente na Corte. Mais que isso, incidia diretamente na reputação do médico ²⁷. A idade não por acaso é citada no primeiro item a ser observado pelo prático na investigação da enfermidade, as modificações “que a idade requer no tratamento das molestias, são justificadas pelas considerações physiologicas, que ensinão, que o homem moço, forte e robusto tem a preciosa faculdade de poder reparar prompta e facilmente a somma de forças despendida no curso de huma molestia”, não podendo a mesma ser observada na velhice ou em mulheres grávidas ²⁸. Esta afirmação apresenta logo em seguida uma crítica à prática da sangria, comum na sociedade do Império do Brasil e praticada por muitos negros e mestiços. Todavia o doutor Imbert não desqualifica a utilização desta prática, mas indica cientificamente em que contexto era válida e aceitável, portanto com menos risco de morte.

As doenças são muitas e muitos são os medicamentos. Medicação é o nome dado “a acção produzida sobre o organismo pela reunião de muitos medicamentos, ou outros agentes modificadores, e cujos efeitos mais ordinarios a experiencia, e o raciocinio ensinárão a conhecer por hum modo assás positivo em certas circunstancias morbidas” ²⁹. Para Imbert essas medicações deveriam ser variadas tanto quanto a natureza das enfermidades. Mas não raro todas essas observações conseguiam garantir resultados satisfatórios ou mesmo a cura do enfermo que fenecia.

Se na vida o corpo escravizado pode ser pensado como mão-de-obra essencial para a sobrevivência econômica do Império do Brasil, na morte é um instrumento valioso na construção do conhecimento médico acadêmico. Tal proposição se coloca tendo por base as publicações do *Semanário de Saúde Pública pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro* da primeira metade do século XIX e suas descrições de necropsias realizadas por seus membros, médicos com formação acadêmica. Muitos estudos iniciavam-se com uma simples consulta resultando muitas vezes em óbito. Suas descrições são ricas fontes de análises, mormente da exposição pormenorizada de cada etapa realizada durante o trabalho.

²⁷ IMBERT. op. cit. p. 180.

²⁸ Ibid. p. 180.

²⁹ Ibid. p. 183.



As relações estabelecidas com o corpo morto são diversas, nos interessando seus diferentes valores em vida e na morte. O “tratamento da morte que uma sociedade elabora não é o tratamento de sua morte mas o das fronteiras o universo que ela constitui”. Essas fronteiras para o autor compreendem as “relações de uma civilização com outras culturas, com os indivíduos que ela coloca as suas margens”³⁰, dentre eles para o nosso caso específico, o escravizado. Na visão dos médicos do *Semanário*, “o saber he pois essencial, e indispensavel no bom Medico, e melhor Medico se reputa aquelle que he mais instruído, quer pelo estudo, quer pela experiência”³¹.

Experiência construída com a prática do estudo, tanto do corpo doente quanto do cadáver como no caso de “Felippa Maria do Nascimento, preta forra de idade de cincoenta annos pouco mais ou menos, de huma constituição assaz deteriorada a bebidas alcoholizadas”, que estando doente há oito dias fora levada a presença do Senhor José Antonio de Carvalho cirurgião assistente. Felipa diagnosticada com “Febre Intermitente Perniciosa Cerebral” falece e o estudo de seu corpo foi descrito em ricos detalhes pelo médico em questão, registrado em 15 de junho de 1829 e publicado em 21 de outubro de 1830³².

Igualmente para observação e aquisição de conhecimentos, os médicos mencionam a manutenção de um órgão que pertencera a um negro conservado em álcool³³. Outros corpos foram utilizados nessa prática independente de sua etnia, tal procedimento constituía um arcabouço de conhecimentos específicos das doenças e dos possíveis modos de cura. O estudo do corpo morto poderia ajudar a compreender determinadas moléstias, principalmente as que mais geravam óbito, em contrapartida ajudariam a evitá-las em momentos futuros. Mas destacamos que até o presente momento da pesquisa, a maioria dos corpos utilizados para tais estudos eram de negros escravizados ou libertos.

³⁰ RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. p. 11.

³¹ *Semanário de saúde Publica pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro*. Biblioteca Nacional, 1830-1834.

³² *Ibid.* p. 10.

³³ *Ibid.*



Considerações Finais

Longe de por um ponto final, apresentamos aqui algumas reflexões de pesquisa em andamento sobre as proposições médicas de Jean-Baptiste Alban Imbert sobre o corpo escravizado, doenças, tratamentos e possíveis curas na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro. Como tentei demonstrar o conhecimento da anatomia, dos temperamentos e do local de nascimento de um indivíduo era fundamental para tratar diferentes moléstias. O mesmo conhecimento era utilizado na compra de trabalhadores escravizados, tendo por base evitar adquirir propriedades que pudessem desenvolver precocemente doenças que levassem ao óbito, acarretando prejuízos de ordem econômica.

Tal critério intensificou-se a partir do debate sobre o provável fim do Tráfico Transatlântico, concretizado em 1850. Perder um trabalhador escravizado significava perder parte importante do total da propriedade de um proprietário, principalmente dos pequenos fazendeiros. A questão econômica imbricada na política redefiniu o tratamento dispensado aquele grupo social, que pelo olhar de Imbert fora determinando tendo em vista que

a escravidão subsiste pois ainda em grande parte nas Ilhas e no Continente Americano, particularmente no Brasil; mas aqui será incontestavelmente mais doce e mais humana, pois que a dificuldade de dar substituição ao que se possui fará recorrer aos meios os mais convenientes de conservar o que já se tem³⁴.

Conservar a propriedade escravizada era garantir o bom funcionamento da fazenda e de sua produção, principalmente para o período estudado de produtores de café do Vale Paraíba Fluminense. Assim, observar com atenção as diferenças físicas, muitas vezes lidas como “defeitos corporais” e morais constituía poder de boa compra para proprietários, poder de conhecimento em casos de tratamento e cura para médicos.

Bibliografia

CARVALHO, José Murilo. *História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. Revista Topoi. Rio de Janeiro, no. 1, jan-dez. 2000.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*, seguido de, *Envelhecer e morrer*. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

³⁴ IMBERT. op. cit. Introdução. p. XII.



FOUCAULT, Michel. “Soberania e Disciplina: discurso do Collège de France, 14 de Janeiro de 1976”. In: *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2010.

IMBERT, J.B.A. *Manual do Fazendeiro ou Tratado Doméstico sobre as enfermidades dos Negros*. Typographia Nacional, 1839.

LE GOFF, Jacques. *Uma história do corpo na Idade Média*. 3ª. ed. Trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PAIVA, Eduardo França. *Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamento de gente, trânsito de imagens*. In: PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Márcia. *História do Corpo no Brasil*. 1ª. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 69-106.

PATTO, Maria Helena Souza. *Teorema e Cataplasmas no Brasil monárquico: o caso da medicina social*. Novos Estudos. CEBRAP. No. 44, março 1996.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

VIANA, Iamara da Silva. *Morte Escrava e Relações de Poder em Vassouras (1840-1880): hierarquias raciais, sociais e simbolismos*. 2009. 167. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

WERNECK. Francisco Peixoto de Lacerda. *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro (1847)*. In WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda. (barão de Pati do Alferes). *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro*. Eduardo Silva (org.) Rio de Janeiro - Brasília, 1985.

XAVIER, Regina. *Dos males e suas curas: práticas médicas na Campinas oitocentista*. In: Chalhoub, Sidney et al. (org). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.